

A CONSTRUÇÃO DA REGIONALIDADE NO CONTO *LIVRO DOS HOMENS*, DE RONALDO CORREIA DE BRITO¹

Carla Piovezan da Silva²

RESUMO: A proposta deste artigo consiste em abordar os traços regionais encontrados na reunião de contos *Livro dos Homens*, do autor Ronaldo Correia de Brito, detendo-nos, especificamente, no último conto, que lhe é homônimo. O conto alude às tradições, às crenças populares, às violências cotidianas que se fazem presentes tendo como pano de fundo as pequenas cidades áridas do Nordeste. Constrói, assim, um falso traço naturalista. Portanto, desampara a reprodução estereotipada para construir uma diversidade discursiva corrente das narrativas do autor. Dessa maneira, menospreza a ideia do regionalismo tradicional que afirma a relação com o pitoresco, o subdesenvolvimento, a acentuação da cor local, o que evidentemente lhe dá uma carga negativa. Brito se destaca pela sua linguagem metafórica que coloca as personagens do conto em cenários complexos de vingança.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea, Ronaldo Correia de Brito, regionalismo.

Considerações acerca do regionalismo literário

O regional, ainda, tem muitas portas abertas. Estas portas se abrem ora para visões positivas ora para negativas. A crítica contemporânea busca incansavelmente limitar suas fronteiras, porém sem muito êxito. A visão negativa deve-se, sobretudo, ao movimento cíclico que vem desde a gênese do conceito, que o relaciona à mera descrição idealizada do local. Mas até que ponto pode-se considerar que uma obra reproduz o pitoresco, ou melhor, qual o pressuposto para tornar-se regionalista? Hoje, há muita imprecisão ao se classificar uma obra como regionalista, pois os elementos correspondentes ao local não são suficientes para defini-la, muito menos a localização geográfica em que se encontra o seu autor. Os estudos não apontam com satisfação os critérios para que o autor/obra seja determinado como regionalista. Na maioria das

¹ Esta análise é resultado do projeto "Traços de regionalidade na literatura brasileira contemporânea" desenvolvido pelo GEPÆC – Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea com o auxílio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O intuito levantado por este projeto é estudar como o conceito de regionalismo literário se apresenta na literatura tradicional e na contemporânea. Este artigo foi apresentado no 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea.

² Acadêmica de Letras UNIR, bolsista do PIBIC.

vezes, prende-se aos conceitos tradicionais do regionalismo; aqueles apresentados por Antonio Candido, Alfredo Bossi e Afrânio Coutinho. Hoje há uma quantia significativa de críticos que dedicam seus estudos a questões que justificam a discussão do regionalismo na pós-modernidade. Isso se dá por causa do aparecimento de escritores distantes do eixo Rio-São Paulo. Assim, torna-se importante a adoção de novos parâmetros nos estudos do regional. Esses novos escritores circunscrevem o espaço em suas narrativas, no entanto concentram em suas obras um amplo valor estético; em razão disso, o traço regional transpassa para segundo plano, menosprezando o termo tradicional.

Para Cândido, a produção literária regionalista é marcada por três momentos, sendo eles: antes de 1930, a literatura estava centrada no interesse pelo exótico, realçando os belos aspectos regionais a fim de vincular a construção de uma nacionalidade por meio do otimismo social; no momento de 1930-1940, a crítica social demonstra a realidade da miséria e da falta de cultura das populações rurais. Nessa fase, já se tinha a consciência do subdesenvolvimento do país. Após 1940, surgem as literaturas com o conhecimento fragmentado do subdesenvolvimento. Nesse sentido, Antônio Cândido foi o primeiro crítico a mencionar a palavra *subdesenvolvimento* para definir o conceito de regional.

No artigo denominado “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, Ligia Chiappini discute justamente as questões que causam desconforto ao estudioso que pretende estudar o regionalismo literário. Isso se dá, porque, segundo a autora, algumas obras literárias manifestam a mera representação do pitoresco, já outras superam os obstáculos do projeto regionalista, afirmando-se como obras-primas. Essas posições, por um lado, compõem as principais inquietações dos estudos críticos sobre o regionalismo; por outro, revelam a necessidade de reflexões em torno do conceito de forma a afastá-lo da posição de confinamento.

No artigo de José Clemente Pozenato, nomeado “Algumas considerações sobre região e regionalidade”, começa a ocorrer a transição da visão negativa para a positiva do termo *região*. O autor afirma que a literatura regional está sendo desvinculada da ideia de mera representação do espaço físico. Desse mesmo modo, elimina a ideia de região como espaço periférico em relação ao centro.

No artigo “Regionalismo e crítica: uma relação conturbada”, Denise Mallmann Vallerius afirma que a pretensão de se criar uma nacionalidade homogênea resultou em definições negativas sobre o conceito de regional. Segundo a crítica literária, o regional limitava-se ao pitoresco, à artificialidade da linguagem e à influência dos modelos literários europeus. Já o modernismo buscava romper os modelos literários e constituir novas formas autenticamente nacionais. Esse artigo mostra o regional como um fenômeno literário dinâmico com diversas alterações e, ainda, pondera a visão de autores como Lúcia Miguel-Pereira que sustenta a existência de uma literatura regional linear em que se fixa como esfera menor em relação às outras literaturas. Similar a essa ideia, o crítico Afrânio Coutinho expõe o regionalismo como ponto de partida do desenvolvimento das civilizações e culturas evoluídas.

O artigo denominado “Regionalismo nordestino e processo mimético: representação da terra e do homem”, da autora Lourdes Kaminski Alves, apresenta um levantamento de tendências na literatura regional através de autores como Antônio Cândido, José Américo de Almeida, Alfredo Bosi e José Carlos Garbuglio e demonstra que, apesar de ser considerado pela crítica um plano menos privilegiado, o regional se destaca por suas novas sugestões e novas forças.

O artigo “Desterritorialização e forma literária”, de Flora Sussekind, mostra a literatura brasileira das últimas décadas ora como condutora de relatos urbanos ora de espaços não representacionais e de zonas liminares, ambivalentes, transicionais, da subjetividade. Dessa maneira, restringe os relatos regionais devido ao grande fluxo da população urbana e da reconfiguração artística das tensões entre o localismo e cosmopolitismo.

Portanto, vimos que embora a crítica literária aponte relações com as ideias desenvolvidas desde sua gênese, o regionalismo não é um conceito estável, uma vez que nos estudos contemporâneos verificamos a sua transitividade.

O livro dos homens de Ronaldo Correia de Brito

As narrativas de Ronaldo Correia de Brito são construídas através de uma linguagem que faz aflorar as características do lugar. Os temas propostos pelo autor

sempre questionam o elo entre o passado e o presente. Na literatura de Brito perpassa um novo olhar sobre o Nordeste, criando, dessa maneira, um diálogo com a tradição regionalista. Por isso, muitos críticos restringem suas obras a uma reprodução estereotipada da região, ainda mais por tratando de uma região afastada do eixo Rio-São Paulo. Mas, a sua diversidade discursiva rompe com essas ideias preconcebidas e mostra que a descrição da paisagem se fundamenta a partir das personagens e do espaço e não com a exaltação à localidade.

Em *Livro dos homens*, Brito apresenta treze contos marcados por vocábulos e cenários do sertão. As ações desdobram-se dando a impressão de roteiros de cinema, em que o leitor vê surgir um mundo entre a tradição e o presente. A sensação visual acerca dos diálogos e descrições também é resultado da linguagem metafórica que explora a plurissignificação do discurso. Os personagens são especulações da condição humana tanto física quanto psicológica, uma vez que problematizam uma atmosfera social regida pela tradição e pelos novos modos de vida que conflitam com essa tradição.

Assim, encontramos vários protótipos: vaqueiros, bandidos, forrozeiros, valentões, mulheres traídas, morte, traição. Certamente, a ideia é envolver o leitor e fazê-lo acreditar no que desenvolve em sua presença, nas descrições nítidas, enredos em forma de parábola, nos pensamentos figurados e nas fábulas sobre a existência. Nos contos *Qohélet*, *Cravinho*, *Milagre em Juazeiro* e *Mexicanos*, verificamos o diálogo da cultura popular nordestina com a modernidade. Nesse sentido, vimos que seus personagens são complexamente urbanos, neuróticos, ambientados em cenários áridos.

Em *O que veio de longe*, primeiro conto do livro, observamos que a tentativa da população de reestabelecer a sua identidade através de um corpo achado nas enchentes do rio Jaguaribe determina relações com o indivíduo moderno. Como diria Stuart Hall (2006), as identidades modernas estão sendo descentradas criando uma “crise” nos indivíduos, assim como se a identidade do sujeito moderno fosse temporária.

Como exemplo desse cenário nordestino, detemo-nos na última narrativa do livro. O título do conto *Livro dos Homens* sugere, de modo geral, a discussão do comportamento humano e por outro lado, mais particular, denomina os registros de uma paróquia. Dessa forma, surgem várias possibilidades de leitura por intermédio das

questões suscitadas: o misticismo, a arte popular, a violência do cotidiano sertanejo e a tradição. Além disso, não é sem importância que Brito o escolheu para compor as últimas páginas, pois podemos dizer que esse conto sistematiza todos os outros anteriores.

A narrativa apresenta a história do personagem Oliveira que chega a Aracati com o seu primo Samuel no intuito de vender a boiada da família e alguns rebanhos de seus vizinhos de Inhamuns. Júlio Targino, comprador de gado da redondeza, oferece a quantia mais alta, porém só pode pagar após três meses. Sem escolhas, Oliveira permanece em Aracati para esperar o pagamento. Como consequência cai numa armadilha preparada por Targino, o mesmo que utiliza o dinheiro da compra do gado para libertá-lo. Oliveira promete vingança e mata Targino como pagamento da sua honra.

A oscilação do tempo percebida desde o início da narrativa é levada ao extremo no desfecho constituída pelos verbos no futuro do pretérito, que indicam uma ação que poderá ocorrer ou não, construindo um aspecto duvidoso sobre o desfecho:

Bateria palmas na porta da casa, sustentando o cavalo pelas rédeas. As pessoas da família nem perceberiam a sua presença. Recusaria o convite para entrar e se proteger do sol quente. Também agradeceria o copo d' água, oferecido pelo homem que se apressava em vestir a camisa, mal acordado do sono. Vinha de passagem agradecer o que o compadre fizera por ele. Sim, partia agora, não temia o sol. No abraço, quando o puxasse para junto do seu corpo, sacaria o punhal e atravessaria o seu peito, tantas vezes quantas fossem necessárias para cumprir o que estava escrito (BRITO, 2005, p. 173).

Os efeitos dos verbos discutem a hipótese da veracidade das ações. Assim, não sabemos ao certo se o personagem Oliveira vingou-se de Targino como pretendia ou estava somente imaginando. Esse procedimento confere à narrativa uma forte densidade literária.

Outro ponto de destaque é o espaço que circula a narrativa, pois as marcações das ações remetem a região Nordeste, veja: “Oliveira estranhava os modos. Era a primeira vez que conduzia boiada para Aracati, à frente de seu povo. Viajava com ele um primo carnal, Antônio Samuel” (BRITO, 2005, p. 161). Entretanto, a indicação do local “Aracati” onde a narrativa acontece não serve apenas para descrever o ambiente, mas, sobretudo para destacar a tensa relação entre os homens marcada por quebra de

promessas, descumprimento de palavra etc.. Conforme Menegazzo (2002, p.8), “a leitura do regional que esses autores fazem passa pela retomada dos signos, tipos e paisagens, criando um repertório, uma visualidade própria e inconfundível, porém não reduzida ao típico, ao exótico, ao estereótipo enquanto imagem que não se questiona”. No conto em questão, os traços regionais equivalentes ao espaço criam uma imagem simbólica do ambiente que se refere a um local afastado onde a justiça não soluciona os conflitos do homem.

O personagem Samuel, além de primo, é o grande confidente de Oliveira. O parentesco cria uma fidelidade entre os personagens, fazendo com que Samuel jamais quebre a promessa de não abandoná-lo. Ele se sentia responsável por qualquer atitude de seu primo a ponto de se apegar em crenças populares para protegê-lo:

Lembrou uma história de quando era menino. Dois irmãos foram embora de casa e os pais plantaram um pé de cravo e outro de manjerição, em vasos de barro. Um representava a alma do mais velho e outro, a do mais novo. Se alguma coisa acontecesse aos filhos, elas murchariam. Samuel desejou ver um pé de manjerição que fosse o primo. Assim, saberia como estava passando (BRITO, 2005, p. 167).

É possível extrair daí que não há a necessidade da crença ser verdadeira ou falsa; os personagens de Brito precisam de uma história para se amparar e se (re)conhecer.

O conto de fato remete às tradições nordestinas em que as questões de honra eram resolvidas de forma arcaica. Dessa forma, compreendemos por meio do personagem Oliveira o questionamento sobre a existência humana, a partir do momento que ele jura vingança a Targino. O enredo induz o leitor à descrença sobre a justiça do homem. Isso se dá em diversos pontos na narrativa, sobretudo na falta de lei naquele povoado e na necessidade de fazer justiça “com as próprias mãos”:

A justiça de Deus tarda, mas não falha. A dos homens tarda e falha. Com firmeza e coragem, ela podia ser apressada. O nome de Oliveira estava registrado no Livro dos Homens, na paróquia onde foi batizado. Honrasse o livro ou nunca mais voltasse para casa. (BRITO, 2005, p. 171)



Brito faz em suas narrativas alusão ao imaginário nordestino, sobretudo, evoca a sua tradição no conto com alta densidade lírica. Desse modo, desdobra a questão do humano em suas múltiplas identidades e, principalmente, realça a influência da tradição:

Não adiantava insistir, Samuel cumpria a ordem paterna como se fosse uma lei. Na madrugada em que partiam, já montados nos cavalos, ouviram a fala dos pais:

- Oliveira, você vela pelo sangue de Samuel e pagará pelo que acontecer a ele. Samuel, você é bem jovem ainda, porém já responde pela vida do seu primo (BRITO, 2005, p. 163).

Observa-se a fidelidade à tradição e também a necessidade de perpetuá-la:

Proferiam a sentença no mesmo tom em que um dia a proferiram seus pais, e os pais de seus pais, quando os filhos conduziam os rebanhos, atrás de uma cidade portuária onde vendê-los. Cuidavam para que não faltassem mantimentos na viagem: carne, farinha, rapadura, toucinho e queijo. Abençoados, desapareceram sob a poeira dos caminhos e os olhares secos de lágrimas (BRITO, 2005, p. 163).

A evocação da tradição encontrada nos contos de Brito é digna de destaque, pois o seu intuito é narrar o modo de vida do sertanejo, dando-lhe uma carga mítica. Brito entretence as suas narrativas no imaginário popular e aflora o espaço ficcional em segundo plano, pois os seus traços de regionalidade determina um falso naturalismo. O autor atinge sua singularidade mediante a uma leveza de estilo que reduz as crueldades do enredo. Ronaldo Correia de Brito não demarca o espaço físico e simbólico do Nordeste como forma de exaltar uma identidade “perdida” que deva ser resgatada. Pelo contrário, assinala uma identidade cambiante, não fixa. Desse modo, o espaço é muito mais do que um elemento que ajuda a estruturar as narrativas. De fato, constitui aquilo que diferencia seu projeto literário de outros, ao apresentá-lo destituído de estereótipos. Constitui, assim, uma inserção num gênero historicamente constituído para lhe dar uma nova forma.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lourdes Kaminski. **Regionalismo nordestino e processo mimético: representação da terra e do homem.** Disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/1164 Acesso em: 05/12/2011.



- AMORIM, Geraldo Nogueira de. **Regionalismo e neo-regionalismo**, um discurso intercultural e literário. Disponível em: <http://www.doaj.org/doaj?func=abstract&id=882919> Acesso em: 26/11/2011.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira**: do pitoresco à realização inventiva. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewArticle/10955> Acesso em: 25/10/2011.
- BRITO, Ronaldo Correia de. **Livro dos homens**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39ª ed.. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: Momentos decisivos. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. (1750-1880).
- _____. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: Educação pela noite e outro ensaios. São Paulo: Ática, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Ed. Global, 2002.
- CHIAPPINI, Lígia. **Do beco ao belo**: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Net, Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1989>. Acessado em: 30 de junho 2010. In: Revista de estudos históricos, Rio de Janeiro, Vol. 8, Nº 15, 1995, p. 157.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Anotações à margem do regionalismo**. Disponível em: dtllc.fflch.usp.br/node/119 Acesso em: 12/12/2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MENEGAZZO, Maria Adélia. Representações artísticas e limites espaciais: o regionalismo revisitado. Disponível em: www.ufms.br/nucdesign/.../Representaçõesartísticaselimitesespac.doc Acesso em: 21/02/2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103... Acesso em 01/03/2012.



PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe nacionalismo**: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Porto Alegre: Ed.Movimento SEC, 1974.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educus, 2003. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplInstitutosimhc/institutos/memoria_historica_cultural/artigos/artigo_pozenato.pdf. Acessado em 28/05/2011.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. **Regionalismo mundializado**. Disponível em: www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/.../791 Acesso em: 06/02/2012.

SÜSSEKIND, Flora. **Desterritorialização e forma literária**. Disponível em: www.revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/.../68/66 Acesso em: 03/09/2011.

VALLERIUS, Denise Mallmann. **Regionalismo e crítica**: uma relação conturbada. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/.../366 acesso em: 04/11/2011.